



## A GÊNESE DA INDISCIPLINA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

FERREIRA, Adriana Martins – UTP  
adriana.psique@yahoo.com.br

Área Temática: Violências na Escola  
Agência Financiadora: CNPq

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo estudar a gênese da indisciplina em sala de aula, no contexto das relações entre professores e alunos, tendo como referencial de análise a teoria dos tipos psicológicos de Carl Gustav Jung. A perspectiva de análise teórica aqui explorada fornece um modo de compreensão alternativo em relação ao modo como usualmente se estuda a indisciplina na relação professor-aluno. Aqui consideramos como professores e alunos possuem formas diferentes de perceber e reagir ao contexto de sala de aula, estabelecendo expectativas em relação ao outro, que na maioria das vezes podem não ser correspondidas, podendo com isso gerar na relação entre outros conflitos, a indisciplina. Essa abordagem teórica, portanto, possibilita explorar uma outra perspectiva e fornecer um outro modo de compreensão da gênese da indisciplina em sala de aula. Este trabalho foi desenvolvido através de uma metodologia de análise baseada na teoria dos tipos psicológicos de Jung (1991). As questões sobre indisciplina foram analisadas através dos escritos de Estrela (1992), Garcia (1999, 2006, 2008), Amado (2001) e outros. Através de teoria jungiana analisamos como as características particulares dos indivíduos, para se relacionar, comunicar, aprender, ensinar, perceber, reagir frente a diversas situações, etc., ao não serem identificadas, compreendidas e respeitadas, podem originar conflitos, dificuldades de aprendizagem e a indisciplina. O texto inicia abordando a indisciplina e a relação professor-aluno, segundo um conjunto de teóricos. A seguir, exploramos a teoria dos tipos psicológicos de Jung e, mais adiante, relacionamos a gênese da indisciplina em sala de aula na relação professor-aluno segundo aquele referencial. Destacamos como resultado dessa análise que a gênese da indisciplina estaria associada as diferenças nos modos de relação e percepção que se estabelecem na interação entre professores e alunos, em função dos seus diferentes tipos psicológicos.

**Palavras-chave:** Educação. Indisciplina. Relação Professor-Aluno. Tipos Psicológicos. Jung.

### Introdução

O presente trabalho tem como objetivo estudar a gênese da indisciplina na relação professor-aluno, tendo como referencial de análise a teoria dos tipos psicológicos de Carl Gustav Jung. Acreditamos que a teoria dos tipos psicológicos pode contribuir nos estudos sobre a indisciplina, pois fornece uma compreensão de como professores e alunos possuem formas diferentes de perceber e reagir à realidade, ambos estabelecendo expectativas em

relação ao outro, que na maioria das vezes podem não ser correspondidas, podendo com isso gerar na relação entre outros conflitos, a indisciplina.

Ao focarmos nesse trabalho a questão da indisciplina na relação professor-aluno, não estamos desconsiderando, entretanto, sua devida complexidade que deve ser considerada em qualquer reflexão sobre tema. Mas pretendemos explorar uma outra perspectiva, propiciar uma nova visão nos estudos sobre indisciplina em sala de aula (GARCIA, 2008, p. 379).

O texto foi desenvolvido da seguinte maneira: inicialmente trazemos uma visão de como a indisciplina em sala de aula e a relação professor-aluno tem sido abordados por principais teóricos e pesquisadores do tema, principalmente por Estrela (1992), Garcia (1999, 2006, 2008a, 2008b), Amado (2001). Depois apresentamos a teoria dos tipos psicológicos de Carl Gustav Jung (1991). Mais adiante relacionamos a gênese da indisciplina em sala de aula na relação professor-aluno com base da teoria dos tipos psicológicos junguianos através de algumas exemplificações. E por último tecemos algumas considerações finais sobre o trabalho.

### **Indisciplina e a Relação Professor-Aluno**

Considerada como um dos principais desafios pedagógicos da atualidade, a indisciplina escolar afeta não somente as práticas de ensino exercidas pelos professores, mas também é fonte de stress, inquietação, incerteza, capaz de despertar sentimento de frustração, angústia, impotência, humilhação e o desejo de abandonar o magistério (ESTRELA, 1996; SILVA; RUIZ; LAZZARIN, 2001; GARCIA, 2008a; PARRAT-DAYAN, 2008; VASCONCELLOS, 2009). Está presente não somente nas escolas públicas, mas também nas privadas, sendo queixa dos professores da educação infantil até a superior.

A indisciplina tem sido descrita entre os principais teóricos e pesquisadores do tema como um fenômeno complexo que precisa ser considerado ao ser investigada (DE LA TAILLE, 1996; GARCIA, 1999, 2008b; AMADO, 2001; PARRAT-DAYAN, 2008). Como uma criação cultural tem ao longo da história apresentado características diferenciadas e cada vez mais complexas, não sendo, portanto, considerada um conceito estático e uniforme (ESTRELA, 1992; DE LA TAILLE, 1996; REGO, 2008; GARCIA, 1999).

Embora a indisciplina seja considerada um problema no cotidiano escolar, associada num sentido negativo, no meio acadêmico ela tem sido produtiva, pois têm provocado

debates, reflexões e busca de respostas. A indisciplina também tem se tornado uma fonte de reflexão e um possível vetor de mudança nas escolas (GARCIA, 2006, p. 123).

A indisciplina é plural, tanto no conceito quanto em suas causas, expressões e implicações no universo escolar. Não apresenta uma causa única, e suas diferentes causas poderiam ser reunidas em dois grandes grupos gerais: um deles relacionados ao que denomina **causas internas**, e um outro associado **às causas externas** a escola. Entre as causas **internas** podem ser destacadas: as condições materiais nas quais ocorrem o processo ensino-aprendizagem, os relacionamentos interpessoais, o ambiente escolar, o perfil do aluno e a relação professor-aluno. Entre as causas denominadas **externas** poderíamos considerar os seguintes aspectos: ambiente familiar, violência social e a influência exercida pelos meios de comunicação. As diferentes causas, relacionadas nos dois grupos, interagem de tal forma que seria reducionismo tentar pensar a indisciplina escolar a partir de uma única causa ou agente (GARCIA, 1999, p. 104).

No desenvolvimento desse trabalho, optamos em fazer um recorte na questão da indisciplina, no contexto da relação professor-aluno, não desconsiderando, entretanto, a devida complexidade do tema. Essa opção de leitura sobre a indisciplina é consequência de vários contatos realizados com escolas públicas e privadas e principalmente com seus professores, ao longo dos anos de trabalho como psicopedagoga e psicóloga clínica de orientação junguiana.

Para falarmos de indisciplina, inicialmente precisamos nos reportar ao termo disciplina, pois os dois estão intimamente relacionados. Em contatos com escolas, temos encontrado frequentemente nos discursos dos professores a noção de disciplina num de seus significados mais antigos: como regra, ordem, limite e até práticas de controle comportamental (GARCIA, 2006, p. 70). Similar ao modelo da escola tradicional, que os professores tinham em sua prática pedagógica o papel de detentor de conhecimento, e onde os alunos deveriam permanecer calados, quietos, obedecer a regras impostas. Ou seja, nos parece que esse modelo de escola na verdade ainda é idealizado e buscado por muitos professores nos dias atuais.

Conforme escreve Lajonquière (2008, p. 36), “[...] há de se aprender a desistir um pouco da exigência louca de querer reencontrar no aluno real a criança ideal [...]”. Ou seja, nas escolas de hoje, depois de todo processo de transformações que sofreu, ainda sobrevive às marcas do “magistrocentrismo tradicional” (ESTRELA, 1992, p. 19-20).

Com a escola nova, o modelo antigo onde o professor era autoridade e o aluno submisso foi criticado e passou a ser incentivada uma nova relação: de cooperação, responsabilidade, autonomia, passando o aluno ser o centro do processo de aprendizagem, onde o professor deixa de ser o detentor do conhecimento (ESTRELA, 1992, p. 20-21). Ou seja, uma nova noção de (in) disciplina deveria surgir, mas como escrevemos acima, parece não ter ainda ocorrido em nossas escolas. Acreditamos que as instituições escolares e seus professores precisam superar a noção de indisciplina apenas como uma questão de comportamento, e passar a considerar o aluno, em sala de aula, sob uma perspectiva psicopedagógica mais complexa (GARCIA, 2002, p. 376). Além disso, essa noção de disciplina somente como controle, fornece uma leitura da relação professor-aluno, que parece tornar invisíveis ou não essenciais diversos aspectos que nos parecem importantes a considerar, e que pretendemos explorar nesse trabalho.

Buscando novos olhares sobre a indisciplina, podemos visualizar suas expressões como desafios capazes de indicar a necessidade de uma mudança de paradigma. Esse argumento sugere a importância dos educadores reverem teorias e práticas relacionadas a indisciplina, avançando de práticas repressivas utilizadas até então, e buscarem novas formas de relacionamento com seu aluno. Dentro dessa visão, em busca de uma definição mais contemporânea de indisciplina, destacamos a proposta por Garcia (1999, p.102):

[...]define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes.

De modo similar, a indisciplina pode ser considerada como resultante do processo de interação professor-aluno, que possuem expectativas, percepções e opiniões próprias, sendo que ambos podem apreender as situações de formas diferentes, podendo haver um desencontro de expectativas (AMADO, 2001, p. 34-35). Diante dessa interação, precisamos buscar uma melhor compreensão da especificidade da relação estabelecida entre professor-aluno em sala de aula, pois ambos interferem no desenvolvimento do outro, cada um interpretando a realidade de sua maneira, com suas expectativas (PLACCO, 2002, p.8-10).

Entendemos como esses autores, que as expectativas, as formas diferentes de ver a realidade etc., presentes no relacionamento de professores e alunos podem realmente nos

indicar a gênese da indisciplina em sala de aula, o que acrescentamos é a visão da tipologia de cada um interferindo no processo.

Para ilustrar o que destacamos acima, temos observado, por exemplo, nas escolas a importância da relação estabelecida na caracterização do aluno indisciplinado entre professores. Isso pode ocorrer quando determinado aluno é considerado indisciplinado por um professor, mas não por outro (AQUINO, 1998; OLIVEIRA, 2004). A percepção que um professor tem de seu aluno, pode não ser a mesma que seu colega, sendo a indisciplina um fator subjetivo, com professores lidando com formas diferentes a mesma situação (CURTO, 1998, p. 17). Essas diferenças de olhares e relacionamentos que acreditamos ser possível analisar utilizando os tipos psicológicos como base teórica, pois eles podem nos mostrar como os sujeitos em questão podem ter expectativas e apreender uma mesma situação de formas diferentes, podendo com isso gerar a indisciplina em sala de aula.

### **Os Tipos Psicológicos de Carl Gustav Jung**

Os tipos psicológicos de Carl Gustav Jung têm sido utilizados em vários países como contribuição teórica em pesquisas e publicações na área da Educação em geral. No Brasil, destacamos como exemplos: em teses de doutorado relacionando os tipos junguianos com os estilos de aprendizagem (KURI, 2004; CAMPOS, 2005), em dissertações e publicações relacionando os tipos de professores e alunos na interação estabelecida em sala de aula (MOREIRA, 1989; FARAH, 2001; SAIANI, 2003), na formação de professores (FAZENDA, 2001) e como contribuição à atuação docente (SILVA, 2003). Acreditamos que podemos contribuir nesse trabalho numa relação mais específica entre indisciplina e os tipos psicológicos, e posteriormente nos resultados da pesquisa que estamos desenvolvendo.

Para uma melhor compreensão desse trabalho, faremos nessa seção uma pequena introdução da teoria dos tipos junguianos.

A tipologia é uma excelente ferramenta para compreensão das diferenças, ou seja, pode ser de grande auxílio para os educadores que tenham interesse em conhecer e compreender melhor seus alunos: na forma como se relacionam, seus estilos de aprendizagem, etc. Também é para o professor uma ferramenta de auto-conhecimento, pois pode identificar e compreender seu estilo de ensinar e de se relacionar, etc. E esperamos com esse trabalho, mostrar como pode ser útil na compreensão do fenômeno da indisciplina em sala de aula, a partir do relacionamento estabelecido entre professor-aluno.

O livro “Tipos Psicológicos” de Carl Gustav Jung, foi publicado em 1921. Nesta obra Jung distinguiu duas formas de atitudes ou disposição: **extroversão e introversão, e quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição.**

A **introversão e extroversão** segundo Jung (1991, p. 316) “[...] se distinguem por seu comportamento peculiar em relação ao objeto”. Na introversão o enfoque é dado ao sujeito, na extroversão o enfoque é dado ao objeto. O introvertido tem como sua orientação os fatores subjetivos. Tem uma postura reservada, hesita antes de agir, preferindo a reflexão à ação. O extrovertido tem como sua orientação o objetivamente dado. Tem como interesse e atenção os acontecimentos externos, pessoas e coisas. Busca a ação e o contato com as pessoas (ZACHARIAS, 2006, p. 58-61).

Todos nós possuímos as duas atitudes: introversão e extroversão, porém uma delas é a que mais predomina. As duas atitudes se excluem, não podem coexistir simultaneamente na consciência, mas podem se alternar dependendo da ocasião.

As atitudes introversão e extroversão, isoladamente, não são suficientes para determinar o tipo psicológico de um indivíduo. Precisamos associar estas atitudes com as funções psicológicas, ou seja, funções de adaptação que são “[...] espécie de quatro pontos cardeais que a consciência usa para fazer o reconhecimento do mundo externo e orientar-se: sensação, pensamento, sentimento e intuição” (SILVEIRA, 1981, p. 54).

O pensamento e sentimento são chamados de **funções racionais** porque ambos exigem um ato de julgamento. A sensação e intuição são chamadas de **funções irracionais** porque estão além da razão, a apreensão do mundo baseia-se na percepção de fatos dados.

As funções psicológicas, de acordo com Jung (1993, p. 61):

[...] correspondem às quatro formas evidentes, através das quais a consciência se orienta em relação à experiência. A sensação (isto é, a percepção sensorial) nos diz que alguma coisa existe; o pensamento mostra-nos o que é esta coisa; o sentimento revela se ela é agradável ou não; e a intuição dir-nos-á de onde vem e para onde vai.

A função pensamento estabelece a análise lógica e conceitual dos fatos. O sentimento nos informa sobre o valor das coisas. A sensação é a percepção sensorial que nos chega através dos órgãos do sentido: audição, visão, paladar, olfato e tato. A intuição é uma percepção via inconsciente.

Ao analisar as quatro funções nos indivíduos, uma delas é sempre mais desenvolvida e diferenciada do que as outras: **função principal**. É praticamente impossível um indivíduo desenvolver igualmente todas as funções psicológicas, pois em sua adaptação social, ele acaba diferenciando a função que lhe proporciona maior sucesso. É a função principal, junto com a atitude (extroversão ou introversão) que vai caracterizar o tipo psicológico do indivíduo.

Outra função denominada **secundária** será sempre de natureza diversa da principal, mas não oposta (JUNG, 1991, p.382). Por exemplo, se a função principal for pensamento, o sentimento não poderá ser a auxiliar e sim a sensação ou intuição.

A **função inconsciente** é aquela menos desenvolvida, as pessoas possuem muita dificuldade em lidar com ela. Por exemplo, um tipo pensamento tem muita dificuldade em lidar com sentimento. Um tipo intuitivo tem muita dificuldade em lidar com detalhes.

A combinação das duas atitudes: **extroversão e introversão**, com as quatro funções: **pensamento, sentimento, sensação e intuição**, e com a determinação da função auxiliar podemos chegar a dezesseis tipos psicológicos. Por exemplo: um tipo pensamento extrovertido, pode ter como função auxiliar a sensação, e um outro pode ter como função auxiliar a intuição.

É importante ressaltar que as atitudes e funções estão presentes em todas as pessoas, mas em proporções diferentes, e em níveis diferentes de consciência e inconsciência, ou seja, as pessoas possuem características semelhantes – por exemplo, o mesmo tipo psicológico – mas cada uma possui uma singularidade, até porque a nossa psique é dinâmica. Importante ressaltar que a tipologia não deve ser utilizada para rotular ninguém, mas é um instrumento para compreensão das diferenças.

### **Indisciplina, Relação Professor-Aluno e os Tipos Psicológicos**

Pretendemos nessa seção a partir de algumas exemplificações, relacionar a gênese da indisciplina na relação professor-aluno, com base na teoria dos tipos psicológicos de Jung.

Tendemos a criar uma expectativa em relação ao outro, de acordo com nosso jeito de ser, de nossa tipologia, acreditando que esse é o melhor, ou é o certo. De acordo com Jung (1991, p. 19) “estamos naturalmente inclinados a entender tudo sob a ótica de nosso tipo”. No campo educacional isso pode ter conseqüências das mais diversas, como o professor criar expectativas de seus alunos em relação ao comportamento, processo de aprendizagem, etc., de

acordo com o seu tipo psicológico, e o que for diferente ser julgado, avaliado e taxado como indisciplina.

Inicialmente podemos analisar como exemplo, um aluno que tenha como predominância a atitude extroversão. Esse aluno costuma prestar atenção em várias coisas ao mesmo tempo, está sempre buscando contato com os colegas, muitas vezes pode ser confundido com um “hiperativo”, prefere falar a escrever ou ler, precisa de aulas dinâmicas, a conversa com os colegas ajuda elaborar melhor as idéias, ou seja, o aprendizado (CHAVES, 2006, p. 98). Podemos relacionar essa forma de ser do aluno extrovertido com a queixa freqüente dos professores em relação ao “aluno indisciplinado”: conversas paralelas, não para quieto na carteira, etc. Ou seja, se o professor tiver como expectativa, encontrar em sua sala de aula somente alunos submissos, calados etc., pode realmente considerar um extrovertido um indisciplinado. Mas dependendo das expectativas, relação estabelecida, metodologia de ensino utilizada pelo professor, esse mesmo aluno pode ser considerado participativo, cooperativo, etc.

Importante também pensar que um professor introvertido, pode ter dificuldade em lidar com um aluno extrovertido, tendendo o considerar muito disperso, etc. Cada tipo se relaciona e percebe a realidade de uma maneira, e na maioria das vezes tem a crença que esta é a correta, não entendendo a forma de ser do outro.

Já um aluno introvertido que tem como principais características a introspecção, prefere refletir e ler a falar, possui boa capacidade de concentração, prefere trabalhos individuais e escritos (CHAVES, 2006, p.103). Procura compreender uma situação antes de agir, resiste aos estímulos externos, etc. Esse aluno pode ser considerado o modelo de “disciplinado”, no sentido tradicional, pois não conversa durante as explicações do professor. Na verdade esse aluno está agindo de acordo com suas características, precisa na maioria das vezes, estar analisando, refletindo, para processar melhor seu aprendizado, ao contrário do extrovertido, que precisa a troca, o diálogo. Já na educação superior, por exemplo, um aluno introvertido pela dificuldade que tem se expor verbalmente, pode dar a impressão ao professor que não realizou a leitura combinada, que não possui o desempenho acadêmico satisfatório, etc. Já um professor extrovertido, conforme pesquisa realizada no ensino fundamental pode ter dificuldade de interagir com um aluno introvertido, que pode se apresentar demasiado quieto ou mesmo fechado (MOREIRA, 1989, p.91).



Outra forma de exemplificar seria um professor com a função principal pensamento, que pode considerar seu aluno com função principal sentimento, com uma capacidade intelectual insatisfatória. Esse professor tem facilidade em lidar com a lógica, é racional e impessoal, ao contrário de seu aluno, que pode considerar seu professor como frio e distante.

Sabemos que além de deter um conhecimento técnico de sua disciplina, o professor deve ser capaz de criar formas de interação com os alunos mais favoráveis para o processo de aprendizagem, tendo a função sentimento sua interferência (SAIANI, 2003, p. 170). A função sentimento é importante, pois propicia o relacionamento humano, permitindo o professor ver seu aluno em sua individualidade e ritmo próprio. Professores com este perfil, seriam mais receptivos e afetivos, e voltados para relacionamentos interpessoais, e teriam maior facilidade para interagir com os outros (ZACHARIAS, 2006, p. 65). Talvez tenham mais facilidade em lidar com os alunos “indisciplinados”?

Podemos também visualizar a relação tipológica estabelecida entre professor-aluno, com as dificuldades que podem ocorrer no processo de aprendizagem e a indisciplina. Pois cada aluno possui seu estilo de aprendizagem, e a tipologia junguiana segundo Chaves (2008, p. 108) fornece “[...] informações a respeito de estilos cognitivos de percepção e interação com o mundo [...] os estilos cognitivos (tipos humanos) correspondem diretamente aos estilos de aprendizagem caminhos mais adequados para aprender”. Poderíamos fazer várias relações entre estilos de aprendizagem e indisciplina, como exemplo, dependendo do estilo de ensinar do professor, que pode muitas vezes privilegiar um método de ensino, aplicando um único estilo de prova (por exemplo, a escrita, que beneficia o aluno tipo pensamento), pode levar o aluno ter dificuldades de absorver o conteúdo, levando-o muitas vezes a dispersão, a indiferença, etc., e uma possível dificuldade no processo de aprendizagem e a indisciplina.

Acima realizamos algumas relações entre tantas possíveis, exemplificando de um modo bastante delimitado, já que consideramos somente a atitude ou a função para análise. O objetivo foi deixar o mais claro possível para os leitores que não possuem contato prévio com a teoria dos tipos psicológicos, como cada indivíduo possui uma característica particular, na forma de se relacionar, de se comunicar, aprender (estilo de aprendizagem), ensinar (estilo de ensinar), perceber, reagir frente a diversas situações, etc., que se não for identificado, compreendido e respeitado, pode gerar conflitos, dificuldades de aprendizagem e a indisciplina em sala de aula.

Esperamos com essas considerações, contribuir para que os professores a partir do conhecimento da tipologia junguiana, consigam desenvolver outras leituras das relações que estabelecem com seus alunos em sala de aula. Compreendendo melhor primeiramente a si mesmo e depois seu aluno, e possam assim enfrentar as situações cotidianas de sala de aula de formas diferentes do habitual.

### **Considerações Finais**

Argumentamos como a indisciplina em sala de aula tem sido considerada um dos principais desafios que as escolas têm enfrentado no seu cotidiano, e o quanto tem sido fonte de inquietude nos professores. Também destacamos que por ser um fenômeno complexo, a indisciplina ao ser analisada pode envolver vários olhares e interpretações, que não se excluem, mas se interligam.

Olhar a relação professor-aluno como fator determinante para as expressões de indisciplina em sala de aula, já tem sido salientado por pesquisadores do tema, conforme demonstramos ao longo do texto. O que procuramos contribuir com esse trabalho foi possibilitar uma nova leitura sobre a indisciplina.

Realizamos ao longo do texto um olhar sobre a relação professor-aluno com base na tipologia junguiana, pois acreditamos que aí possa estar a gênese da indisciplina. Nessa proposta, o professor deve buscar compreender melhor primeiramente a si próprio, e depois as singularidades de seus alunos, e assim quem sabe obter um entendimento diferenciado dos fenômenos de indisciplina.

Os tipos psicológicos podem contribuir para entendimento das diferenças e, portanto, das relações estabelecidas em sala de aula, podendo ser um instrumento para a prática pedagógica do professor que entende o processo ensino-aprendizagem de forma mais complexa.

O professor tendo consciência e identificando que ele próprio e seus alunos possuem necessidades, interesses e estilos próprios de aprender e ensinar poderá refletir sobre suas metodologias de ensino, formas de comunicação estabelecidas, expectativas impostas etc., contribuindo assim para encarar as situações de sala de aula de forma diferenciada do que vinha realizando até então. Como tendemos sempre em avaliar o outro de acordo com o nosso jeito de ser, ou seja, nosso tipo psicológico, a compreensão dessa teoria pode facilitar o professor em sala de aula na compreensão de muitos conflitos e da indisciplina.

Além do exposto, acreditamos que os professores poderiam ter acesso a teoria da tipologia nos seus cursos de graduação e formação continuada, pois seria um conteúdo que poderiam aproveitar em sua prática pedagógica, compreendendo melhor como as diferenças interferem no processo ensino-aprendizagem e nas relações interpessoais.

Por fim, podemos salientar a importância que o conhecimento da tipologia pode proporcionar aos professores para lidarem com a indisciplina de forma preventiva. Pois a prevenção já tem sido destacada por alguns pesquisadores do tema como um dos elementos importantes para as escolas lidarem com a indisciplina na atualidade.

### REFERÊNCIAS

- AMADO, João da Silva. **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Asa, 2001.
- AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 24, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-25551998000200011&Ing=pt&nrm=isso>. Acesso em: 15 set. 2008.
- CAMPOS, Marcia Oliveira Cavalcante. **A contribuição dos estilos de aprendizagem para cursos à distância**: um estudo de caso. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- CHAVES, Anna Mathilde Pacheco. Aplicações educacionais. In: ZACHARIAS, José Jorge de Moraes . **Tipos**: a diversidade humana. São Paulo: Vetor, 2006. p. 91-114.
- CURTO, Pedro Mota. **A escola e a indisciplina**. Porto: Porto, 1998.
- DE LA TAILLE, Yves. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 14. ed. São Paulo: Summus, 2008. p. 9-23.
- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Porto: Porto, 1992.
- FARAH, Ricardo. **Estudo sobre a relação professor e aluno**: uma contribuição a partir da teoria dos tipos psicológicos de Jung. 181 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, 2001.
- FAZENDA, Ivani. A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2001. p. 11-20.
- GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 5, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GARCIA, A gestão da indisciplina na escola. In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/AIPELF, 11., 2001, Lisboa, *Anais...*Lisboa: Estrela & Ferreira, 2002. v. 1, p. 375-381.

GARCIA, Joe. Indisciplina, incivilidade e cidadania nas escolas: questões sobre mudança de paradigma. **Educação Temática Digital**. Campinas, v. 8, n. 1, p. 121-130, dez. 2006.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: questões sobre mudança de paradigma. **Contrapontos**. Itajaí, v. 8, n. 3, p. 367-380, set./dez. 2008a.

GARCIA, Joe. Indisciplina e violência nas escolas: questões sobre mudança de paradigma. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8. , 2008, Curitiba, *Anais...* Curitiba: Champagnat, 2008b, p. 11559-11568. 1 CD-ROM.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

KURI, Nidia Pavan. **Tipos de personalidade e estilos de aprendizagem**: proposições para o ensino de engenharia. 2004. 324 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade de São Carlos, São Carlos, 2004.

LAJUNQUIÈRE, Leandro de. A criança, “sua” (in)disciplina e a psicanálise. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 14. ed. São Paulo: Summus, 2008. p. 25-37.

MOREIRA, Suely Grimaldi. **Da clínica à sala de aula**: uma investigação antropológica. São Paulo: Loyola, 1989.

OLIVEIRA, Rosimary Lima Guilherme de. **As atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar**. 2004. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Relações interpessoais em sala de aula e desenvolvimento pessoal de aluno e professor. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Orgs.). **As relações interpessoais na formação de professores**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 8-15.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 14. ed. São Paulo: Summus, 2008. p. 83- 101.

SAIANI, Cláudio. **Jung e a educação**: uma análise da relação professor-aluno. 3.ed. São Paulo: Escrituras, 2003.

SILVA, Ani Martins; RUIZ, Alan Bérnago; LAZARRIN, Sandra. Problemas disciplinares mais frequentes e suas causas: a visão do professor. In: VASCONCELOS, Maria Lucia M.

Carvalho (Org.). **(In)disciplina, escola e contemporaneidade**. São Paulo: Mackenzie, 2001. p. 77-91.

SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. O referencial de Keirse e Bates como um dos fundamentos da ação docente. **Revista Mirandum**, Porto, Portugal, ano VII, n. 14, p. 41-51, 2003. Disponível em <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm>. Acesso em: 30 mar. 2009.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **(In)disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 17. ed. São Paulo: Libertad, 2009.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **Tipos: a diversidade humana**. São Paulo: Vetor, 2006.